

A LEITURA COMO EXERCÍCIO DA COMPETÊNCIA RETÓRICA

Maria de Lourdes Oliveira

"A frase poética é objetivamente falsa, mas subjetivamente verdadeira." (COHEN, 1974 : 171). Deste postulado, depreendemos que:

1.º ainda que o texto poético ofereça a possibilidade de compreensão literal, isto será apenas um mecanismo de ocultação da leitura verdadeira;

2.º se somente subjetivamente o texto poético é verdadeiro, a própria noção de subjetividade implica que seja plurisignificativo.

Dessa forma, as abordagens (psicanalítica, sociológica, estilística etc.) vão revelar, na sua diversidade de interpretações, verdades parciais de um texto, que não são excludentes, antes se completam na direção da leitura total. Ainda mesmo duas interpretações que aplicassem o mesmo método poderiam chegar a resultados diferentes, pois cada leitor projeta no texto poético um pouco de sua vivência, de sua cultura, de seu eu, de sua idiosincrasia, enfim. É a dialética gerada pela mensagem estética: os códigos e léxicos do remetente — de um lado — e os códigos e léxicos do leitor — de outro — aspirando à supremacia na reconstrução do texto poético. Há vitória e derrota, algumas vezes, mas, mais freqüentemente se estabelece uma espécie de balanço, de compromisso e de equilíbrio entre eles. No dizer de ECO (1976 : 71) "É uma dialética entre fidelidade e liberdade interpretativa, onde, de um lado, o destinatário procura captar os convites da ambigüidade da mensagem e preencher a forma incerta com códigos próprios; e de outro,

é reconduzido pelas relações contextuais a ver a mensagem tal como foi construída, num ato de fidelidade ao autor e à época em que a mensagem foi emitida."

Retomando os itens colocados: temos, a nível de significante, a violação do código, para a produção do texto poético. No entanto, esta violação pode ser ostensiva ou sutil. No 1.º caso se enquadra o enunciado metafórico que é marcado pela quebra de isotopia, ou seja, que não é possível compreender sem recuperá-lo conotativamente. Noutra bloco encontramos o texto que constrói uma isotopia a nível referencial. Como o objeto desta análise será um texto com tal característica, exemplificaremos antes o 1.º caso, com versos do poema "A Vida Verdadeira":

"Ainda que o gesto me doa,
não encolho a mão: avanço
levando um ramo de sol."¹

O leitor percebe a impertinência gerada no contexto pelo lexema /sol/. Eis palpável, indiscutível, o ponto de correção do discurso. É necessário restabelecer a isotopia, buscando no paradigma o elemento que, satisfazendo a competência lingüística do leitor, possa preencher o espaço que agora se apresenta vazio no sintagma. Essa busca da conotação para /sol/ implica em que se volte a cada unidade anterior, que ganha, então, nova inteligibilidade.

Este é o modelo mais freqüentemente empregado como exemplo de texto que preenche a função poética (estilística, ou retórica, se preferirem).

Há, porém, texto poético que constrói uma isotopia a nível referencial, afirmamos acima. (Não nos referimos à fábula ou a outros metalogismos, nos quais o leitor homologa, de imediato, dois níveis superpostos de isotopia e estabelece intuitivamente sua hierarquia). Falamos do poema *stricto sensu*, codificado em enunciados metafóricos sem ruptura isotópica, cujas pistas de decodificação espalham-se pela estrutura textual, não havendo uma figura de retórica *stricto sensu*² que

1. Mello, Th. (1981) — *Faz escuro mas eu canto*. 7 ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, p. 15..

2. O Grupo de Liège (1980 : 56) denomina-os *unidades retóricas*, por serem de extensão variável e susceptíveis de serem lidos sobre mais de uma isotopia ao mesmo tempo. Conclui que "assim não se recorre mais, imediata e exclusivamente à noção de impertinência que definia a figura *stricto sensu*."

gere a expectativa frustrada no leitor. Sua frustração será de outra ordem: atingir o final do texto numa leitura linear, quando ele o supunha conotativo, em virtude de sua forma poemática.³ Não há o fruir estético, o prazer 'espiritual' do texto. Isto o incita a uma "reavaliação retrospectiva" (*Grupo de Liège*, 1980 : 59), para o que acionará sua competência retórica, sócio-cultural, ideológica etc., na produção da leitura verdadeira. Pois o texto com ruptura isotópica pontual (exemplo citado) dirige sua leitura, auxiliando a decodificação através dos invariantes textuais. No entanto, no texto sem ruptura isotópica, a hipótese parte de traços mais sutis, que exigem um leitor mais intuitivo. Eis, talvez, a razão de darem margem a tantas hipóteses de interpretação. Ressalte-se, porém, que os mesmos traços estimulam e regulam a interpretação textual.

Vamos atualizar uma isotopia do texto abaixo, a nível conotativo, verdadeiro, pois, sem que nos pareça necessário estabelecer uma hierarquia entre as demais, que apenas apresentaremos como sugestões.

*o sol existe*⁴

horácio dídimo

- 1 ainda que seja noite
- 2 o sol existe
- 3 por cima de pau e pedra
- 4 nuvens e tempestades
- 5 cobras e lagartos
- 6 o sol existe
- 7 ainda que tranquem o nosso quarto
- 8 e apaguem a luz
- 9 o sol existe

A aparente ausência de impertinência semântica é compensada no texto pelo desvio quantitativo, através da repetição /o sol existe/. (A impertinência semântica é um desvio qualitativo, que altera a redundância da língua para menos; o desvio quantitativo de contexto altera a redundância, quase sempre, para mais.) Seu destaque se dá inicialmente por ser o

3. Diz ECO (1971 : 46) que as características formais, tais como o jogo tipográfico e a composição espacial do texto contribuem para impregnar o texto de "mil sugestões diversas".

4. Dídimo, H. (1984) — *Amor palavra que muda de cor*. São Paulo, Ed. Paulinas, p. 135.

título do poema. Nas outras ocorrências, este enunciado constitui a oração absoluta ou a oração principal (sintaticamente falando) dos períodos em que está inserido. A convergência destes dois recursos retóricos ao nível da sintaxe indica que aí se encontra um ponto da mensagem que o autor espera não passe despercebido ao leitor. É uma pista para a decodificação do texto. Esquematizando, veremos a superposição da metáfora sintática à metáfora semântica.

*Oração absoluta*⁵ Ø

o sol existe —

Oração principal *Oração subordinada*

o sol existe ainda que seja noite

o sol existe ainda que tranquem o nosso quarto
e apaguem a luz

Termos essenciais da oração *Termos acidentais da oração*

o sol existe

por cima de pau e pedra
nuvens e tempestades
cobras e lagartos

Na primeira coluna temos, inquestionável, a existência do /sol/. Na segunda, as circunstâncias, todas negativas, de ocorrência limitada temporal e espacialmente, colocadas como presumíveis obstáculos a essa existencialidade ou, pelo menos, à constatação de tal realidade.

Situando-se no plano da expressão, a sintaxe fornece pistas de mais fácil apreensão para a leitura profunda do texto. No poema em análise, a ênfase emprestada pela repetição torna as conotações sintáticas bastante transparentes ao leitor.

Se uma expectativa fosse gerada a partir do título, seria em torno de aspectos positivos, como beleza, grandiosidade ou outros, orientados pelo saber simbólico do leitor. Não é o que o texto nos oferece. O poema se abre com /ainda que/, e apresenta /noite/ como elemento passível de comprometer a

5. Empregamos termos da gramática normativa tradicional.

convicção sobre a realidade expressa. Porém já cabe salientar que /noite/ não é do mesmo nível de /sol/. Ser /noite/ implica na impossibilidade de visualizar o /sol/, mas não nega sua existência. Ganha, no entanto, a conotação de obstáculo. E pela associação metonímica dia/sol, a /noite/ funciona, ao primeiro impacto, como antítese de /sol/. Metaforicamente pode ser lida como algo subjetivo, normal, embora responsável pela privação do belo, vital, desejável.

Ainda no primeiro bloco, temos as metáforas de uso /pau e pedra/, /nuvens e tempestades/, /cobras e lagartos/ simbolicamente representando dificuldades e problemas que a vida reserva. Diríamos serem dificuldades naturais, concretas, peculiares à existência. O fato de serem metáforas gastas na nossa língua sugerem, na recriação do autor, o comum, previsível, constante. Talvez, em decorrência disto, não haja uma expressão de dúvida a respeito de sua existência.

O segundo bloco toma uma dimensão diversa: muda o grau de universalidade das metáforas. Agora elas se particularizam (cf. /nosso quarto/). Por outro lado, surge a marca de um sujeito agente e repressor, presente na flexão verbal (cf. /tranquem/ e /apaguem/). Todos os elementos de entrave, proibição, negação se distanciam nestes dois blocos. No anterior eram naturais; neste, são fabricados pela ação do homem, de forma consciente e definida: /ainda que tranquem o nosso quarto/ conota a limitação do nosso espaço físico e visual. E /apaguem a luz/ reforça o objetivo do agente repressor: bloquear a /nossa/ capacidade de ver (= enxergar, crer, idealizar etc.).

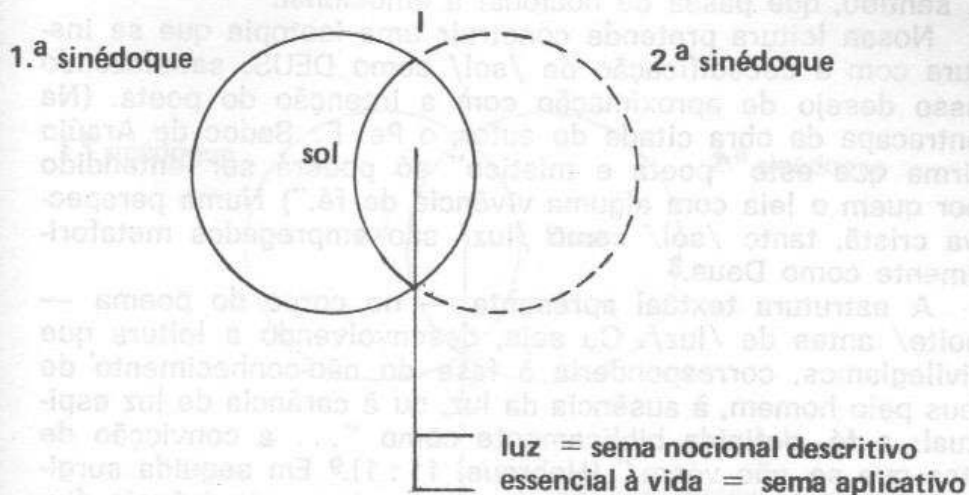
O poema, no entanto, se fecha com a metáfora mais forte: /o sol existe/.

Feita a compreensão do poema, vimos que ele não apresenta, em qualquer item lexical, o pensamento profundo, à semelhança do que ocorre com a alegoria total: todo o segundo plano está por adivinhar. É, no dizer de Morier (1975 : 71), da mesma ordem da metáfora essencial: enquanto o comparante se oferece ao leitor, o comparado profundo permanece subentendido.⁶

6. Cf. Morier, H. (1975) — *Dictionnaire de poétique et de rhétorique*. Paris, PUF.

Acreditamos ser este o ponto em que o leitor perceba o grande desvio do poema e busque recuperá-lo. Confirma-se, ainda uma vez, a teoria segundo a qual "o primeiro momento da retórica consiste, para um autor em criar desvios, o seu segundo momento consiste, para um leitor, em reduzi-los." (Grupo de Liège, 1974 : 58).

Em que, precisamente, consistiria tal desvio? Ora, a convenção (versos, estrofes, repetição) dirigiu a expectativa do leitor para uma mensagem com função poética. Logo, a leitura linear não o satisfaz: ele a percebe como lingüisticamente impertinente, do ponto de vista de sua função. É certo que a forma estrófica não implica poeticidade, mas orienta o leitor no sentido da busca de um conteúdo não referencial. A partir desse impacto, ele se dá conta de que se faz necessário recorrer a sua competência retórica para encontrar o significado profundo do texto. Então, por reavaliação, e em consonância com suas condições sócio-culturais, com as possibilidades do seu repertório e até com seu estado de ânimo, ele reconstrói o texto. A chave da decodificação poderá ser encontrada na evocação simbólica em sentido lato, vez que a grande metáfora do texto é /sol/. O Sol foi tido por divindade entre muitos povos primitivos. Era dele que emanava o Bem, em todas as suas manifestações — naquilo que cada cultura representava como Bem: saúde, paz etc. Nas mitologias grega e romana, Apolo, representando o Bem e a Razão, era o deus da luz, da pureza e do Sol. Não admira que o leitor evoque aspectos como estes. Numa perspectiva mais lingüística, diremos que a metáfora /sol/ poderá ser decodificada em muitas leituras, desde que os elementos comparados estejam ligados ao comparante pelos traços de intersecção sêmica. Estes traços podem ser selecionados dentre os que compõem o semema /sol/. Elegemos como mais representativo o sema descritivo nocional /luz/ e o sema aplicativo imbricado neste: /essencial à vida/. Estamos no plano denotativo e os elementos comparados devem ser de outra ordem, em nível conotativo, pois. Escolhidos os semas de /sol/, o leitor poderá preencher a sinédoque vazia com a opção que melhor se adapte a suas experiências, desde que respeite as condições formuladas pelo texto. Como estas condições foram formuladas? A partir de quê podemos afirmar que nossa escolha não foi aleatória? A partir dos obstáculos que o texto apresenta e que negam total ou parcialmente a luz: /noite/, /nuvens/, tempestades/, /tranquem o quarto/, /apaguem a luz/. O sema aplicativo se desprende deste, bem como das sugestões que o poema oferece ao leitor. Vejamos como é possível testar uma hipótese:



(Figura 1)

Observação: I = intersecção

Hipóteses: felicidade, saber, liberdade, paz etc.

Afirma ECO (1976 : 68): "Estruturando-se ambigüamente em relação ao código e transformando continuamente suas denotações em conotações, a mensagem estética compele-nos a experimentar sobre si léxicos e códigos sempre diferentes. Nesse sentido, fazemos continuamente confluír para dentro da sua forma vazia novos significados, controlados por uma lógica dos significantes que mantém tensa uma dialética entre a liberdade da interpretação e a fidelidade ao contexto estruturado da mensagem."

Admitamos que o leitor preencha o espaço vazio com o semema /felicidade/. Ao testar sua hipótese, perceberá que houve impertinência decorrente do sema de intersecção /luz/. No entanto, recorrendo ao valor subjetivo, podemos conotativamente decodificar /luz/ = /alegria/. Entramos, então, no âmbito dos virtuememas,⁷ evidentemente. E corroboramos a afir-

7. Segundo Pottier, B. (1968 : 70), os semas variáveis formam o *virtuema* — conjunto de semas conotativos — e podem ser atualizados numa determinada combinação de discurso. Cf. *Presentación de la lingüística*. Madrid, Alcalá.

(Figura 1)

mação de Cohen (1964 : 172) de que a metáfora não implica apenas mudanças de sentido, mas principalmente da natureza do sentido, que passa de nocional a emocional.

Nossa leitura pretende construir uma isotopia que se instaura com a decodificação de /sol/ como DEUS, satisfazendo nosso desejo de aproximação com a intenção do poeta. (Na contracapa da obra citada do autor, o Pe. F. Sadoc de Araújo afirma que este "poeta e místico" só poderá ser entendido "por quem o leia com alguma vivência de fé.") Numa perspectiva cristã, tanto /sol/ como /luz/ são empregados metaforicamente como Deus.⁸

A estrutura textual apresenta — no corpo do poema — /noite/ antes de /luz/. Ou seja, desenvolvendo a leitura que privilegiamos, corresponderia à fase do não-conhecimento de Deus pelo homem, à ausência da luz, ou à carência de luz espiritual: a fé, definida biblicamente como "... a convicção de fatos que se não vêem." (Hebreus, 11 : 1).⁹ Em seguida surgiriam os obstáculos a essa fé: de uma parte, a convivência diuturna com seres inferiores e com coisas concretas, palpáveis e ao mesmo tempo insignificantes (versos 3 a 5), limitariam o mundo do indivíduo, levando-o a ter como fantástico, inacreditável, algo de características tão diversas e grandiosas. De outra parte, interpõe-se a ação repressora do homem, seu igual, que procura impedir sua crença nesse Deus (versos 7 e 8). Fica implícito que há ânsia do ser humano por luz e que ele a está buscando; se assim não fora, não haveria repressão: é-lhe negado, claramente, o direito de *ver*. O texto elabora denotativamente ações pequenas que conotam a mesquinhez humana, ao bloquear a capacidade de o outro ter uma visão diferente ou mais abrangente que a que convém ao primeiro.

O poema se fecha com o verso que lhe serve de título, conotando a existência de Deus como princípio e fim, a despeito das pequenas, mesquinhas e efêmeras ocorrências da vida.

Todos os entraves funcionam, paradoxalmente, como incentivo ao ser humano para ultrapassar a dimensão material, visível — porém limitadora e insatisfatória — e a alcançar uma dimensão superior.

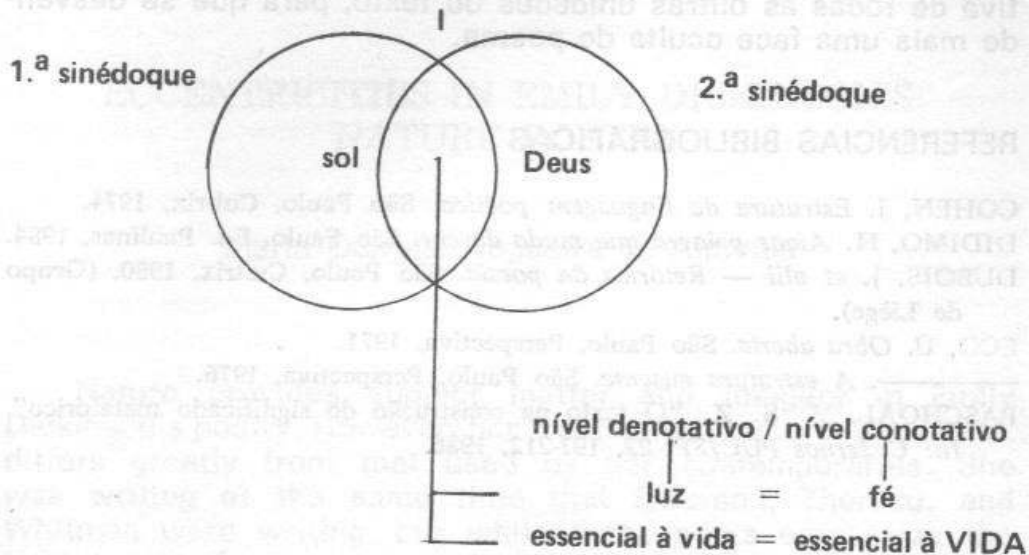
O verso final ganha também valor conativo. Sua reiteração incita à procura da luz — elemento essencial à vida —, ou, na visão do poeta, à busca da fé — elemento essencial à VIDA.

8. Exemplificando: 1 — "O senhor Deus é sol e escudo." Salmo 48 : 11.

2 — "Deus é luz e não há nele trevas." I João 1:5.

9. Usamos, nas citações bíblicas, a tradução de João Ferreira de Almeida, edição *Revisa e Atualizada no Brasil*, 1969.

Vejam os como representar esta interpretação:



(Figura 2)

A conotação de /fé/ para /luz/, embora legítima, se considerarmos que a fé é uma luz de outra natureza, que permite uma visão mística, parecerá impertinente, vez que /fé/afigura-se-nos como sema virtual de homem e não de Deus. Logo, não seria elemento da intersecção metafórica e toda a análise se desfaria. No entanto, segundo a doutrina cristã, de base bíblica, a fé emana de Deus. Ao homem caberá buscá-la. A Deus, concedê-la (cf. Romanos, 12 : 3) e aumentá-la (cf. Lucas, 17 : 5), pois é Ele, na pessoa do Filho, o "Autor e Consumador da fé" (cf. Hebreus, 12 : 2). E é esta fé o elemento essencial à vida eterna (cf. Romanos, 1 : 17).

Considerando nosso propósito inicial, insistimos em que tentamos atualizar uma isotopia do texto do qual muitas outras poderão derivar. Portanto, esta não é a leitura verdadeira, mas a atualização de uma dentre as sugestões que o texto oferece. Além do que, o poema "o sol existe" inscreve-se entre os que ECO (1971 : 46) define como deliberadamente baseado na sugestão pois "se propõe estimular justamente o mundo pessoal do intérprete, para que este extraia de sua interioridade uma resposta profunda, elaborada por misteriosas consonâncias."

Fica, pois, a critério de cada intérprete preencher a sinédoque vazia da figura 1 com aquilo que dentre os seus valores seja essencial à plenitude do ser humano. Nada impede que este algo se situe nas mais diferentes ou inusitadas esferas. E o elemento da sinédoque 2 obrigará à reavaliação retrospectiva de todas as outras unidades do texto, para que se desvende mais uma face oculta do poema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COHEN, J. *Estrutura da linguagem poética*. São Paulo, Cultrix, 1974.
DÍDIMO, H. *Amor palavra que muda de cor*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1984.
DUBOIS, J. et alii — *Retórica da poesia*. São Paulo, Cultrix, 1980. (Grupo de Liège).
ECO, U. *Obra aberta*. São Paulo, Perspectiva, 1971.
———. *A estrutura ausente*. São Paulo, Perspectiva, 1976.
FASCHOAL, M. S. Z. "O texto na construção do significado metafórico".
In: Cadernos PUC/SP, 22, 197-212, 1986.